

A RECEPÇÃO CRÍTICA DE LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA EM PERIÓDICOS BRASILEIROS: *O ESTADO DE S. PAULO (1900-1920)*.

Rosane Gazolla Alves Feitosa
UNESP-Assis¹

No seu estudo em que esclarece a ligação entre produção literária e vida social, Antonio Candido volta-se para São Paulo e focaliza o papel das formas de sociabilidade intelectual e sua relação com a sociedade como forma de caracterizar as etapas da literatura brasileira. Dentre os cinco momentos previstos, ressaltamos o momento quatro _1890-1910/20 _ em que a literatura vai caracterizar-se como uma manifestação “(...) de uma classe _ a nova burguesia, recém-formada, que refinava os costumes segundo o modelo europeu, envernizada de academismo, decadentismo e *art-nouveau*”.²

A literatura manifesta-se na atividade dos profissionais liberais, nas revistas, nos jornais. “(..) talvez nunca tenha havido em S. Paulo uma coincidência tão grande entre a inspiração dos criadores, o gosto do público, a aprovação das elites”.³ Nesse período, a literatura tem uma expressão acentuada de classe, pois há uma real incorporação da literatura à vida das classes dominantes da cidade de S. Paulo, integrando-se a literatura e os escritores na comunidade, ajustando-se esta literatura convencional aos padrões de refinamento e inteligibilidade da referida classe, cujo prestígio garante a sua difusão pelas outras camadas da sociedade paulista.

Como diz Antonio Candido

(...) a literatura brasileira no século XX se divide em três etapas: a primeira vai de 1900 a 1922, a segunda de 1922 a 1945 e a terceira começa em 1945.(...) sob esse ponto de vista o século literário começa para nós com o Modernismo. Para compreendê-lo, é necessário partir de antes, isto é da fase 1900-1922.⁴ (...) o Modernismo é, de todas as

¹ UNESP(Universidade Estadual Paulista)-Faculdade de Ciências e Letras - campus de Assis - Dept. Literatura

² CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*: estudos de teoria e história literária. 4.ed.rev. São Paulo: Nacional, 1975. p. 158.

³ CANDIDO, 1975, p.159.

⁴ CANDIDO, 1975, p. 112.

*nossas correntes literárias, a que adquiriu tonalidades especificamente tonalidades paulistanas.*⁵ *Há uma história da literatura que se projeta na cidade de S. Paulo; e há uma história da cidade de S. Paulo que se projeta na literatura.*”.⁶

E entre a literatura e a cidade, nesse período de 1900-1920, temos o periódico *O Estado de S. Paulo* intermediando a produção literária e a vida sócio-política paulista. Em vista disso, é nosso objetivo contribuir para a história da literatura luso-brasileira, mais especificamente verificando a recepção da literatura portuguesa em um periódico de importância social e política, formador de opinião como *O Estado de S. Paulo*, nesse período convencionalmente denominado Pré-Modernismo em que se evidencia o enorme esforço dispendido pela intelectualidade do tempo para compreender o Brasil.

Tal como aponta Bosi⁷: “Creio que se pode chamar pré-modernista (no sentido forte de premonição do temas vivos em 22) tudo o que, nas primeiras décadas do século, problematiza a nossa realidade social e cultural”.

Jornais, e em seguida revistas, tornam-se instrumentos correntes de informação, consignando-se aos primeiros as notícias de teor político e de divulgação imediata. A despeito da aparente fragilidade daqueles impressos _ fosse por seu caráter ligeiro, muitas vezes suspensos pela censura ou inviabilizados pelo fracasso econômico, coletânea heterogênea que abrigava nomes diversos, inovando até mesmo pelo formato inusitado da publicação _ o novo gênero periódico consolida-se como ramo expressivo da imprensa. Mais do que isso, passa a ser

⁵ CANDIDO, 1975, p. 165.

⁶ CANDIDO, 1975, p. 167.

⁷ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970. p.343.

disputado por escritores reconhecidos, que têm, nas páginas avulsas do jornal, o espaço alternativo para divulgação de seus escritos.⁸

Com o aparecimento da imprensa livre os governos tiveram a necessidade de criar a imprensa ofíciosa e oficial, cujo intuito foi sempre desviar a corrente oposicionista e formar um ponto de apoio a seus atos e a sua política. É o caso de S. Paulo em julho ou agosto de 1823

*(...) aparecia na então capital da província a primeira publicação periódica, manuscrita e em caráter transitório, mas verdadeiramente um instrumento de informação e de orientação da opinião pública, feito à feição da época. Intitulava-se _ O Paulista _ (...): era bi-semanário e dirigido e redigido pelo professor de gramática latina e retórica, Antonio Mariano de Azevedo Marques, o mestrinho.*⁹

Não se sabe quanto tempo durou *O Paulista*, mas de 1827 a 1833, temos o segundo jornal *O Farol Paulistano*, jornal de combate, impresso já em tipografia própria. Em 1850, o número jornais que haviam surgido na capital girava em torno de 47 e mais 55 novos periódicos que apareceram no decênio de 1851-60. “Só o ano de 60, viu aparecer nada menos de 12 periódicos ou seja a média de um por mês o que, para uma população de 20.000 almas já não é pouco.”¹⁰

Destes jornais paulistanos, poucos tiveram uma existência longa. Até 1915, ainda estavam em atividade ininterrupta, apenas o *Correio Paulistano* (fundado em 1854), a *Província de S. Paulo*, atual *O Estado de S. Paulo* (1875), *Diário Popular* (1884) e *A Platéia* (com subtítulo *Diário da Tarde*-1888).¹¹ No artigo “Alguns dados históricos sobre o jornal mais difundido em todo o Brasil,” publicado em *O Estado de S. Paulo*,¹² lemos:

⁸ MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República*, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp:Imprensa Oficial do Estado, 2001. p. 38.

⁹ FREITAS, Affonso A. de. *A imprensa periódica de São Paulo: os seus primórdios em 1823 até 1914*. São Paulo: Typografia do “Diário Oficial”, 1915. p. 13.

¹⁰ FREITAS, 1915, p. 17.

¹¹ FREITAS, 1915, p. 18.

¹² 01 jan. 1939. p.1

(...) vamos esboçar a história de um jornal que acabou por tornar-se, mais do que a propriedade de uma empresa, **o patrimônio moral da coletividade a que serve**. (...)

*Esta grandiosa obra está sendo realizada por diversas gerações que, nos mais variados campos de atividade, trabalham para o mesmo fim: do grupo de idealistas que primeiro sentiu a necessidade da sua fundação, aos espíritos práticos que, lançando mão de todos os recursos da Paulicéia de 1874,[início do jornal] deram realidade a esse **desejo de vulgarização de cultura**, até nossos dias.* (negrito nosso e grafia atualizada)

A Província de S. Paulo, órgão a princípio imparcial e depois francamente republicano, redigido desde os primeiros tempos por Francisco Rangel Pestana e Américo Brásilio de Campos, este até 1884 em que se desligou do jornal, juntamente com José Maria Lisboa, que exercia o cargo de administrador de empresa, ambos substituídos por Alberto Salles, e este sucedido por Julio Mesquita em 1891, cargo ocupado até sua morte em 1927. Com a República, o jornal em 1890, passou a denominar-se *O Estado de S. Paulo*. Enquanto era ainda *A Província*, freqüentou suas colunas: Prudente de Moraes, Campos Sales, Bernardino de Campos, Euclides da Cunha (muitas vezes sob o pseudônimo de ‘Proudhon’).

Ainda em 1890, a empresa adquire a máquina Marinoni, tornando-se um jornal moderno para a época, capaz de figurar ao lado dos diários cariocas, que, à noite, eram vendidos pelas ruas e praças. Em 1908, todo o material tipográfico foi reformado com a aquisição da máquina Albert, “(...) produzindo cada uma delas [a máquina Marinoni e a Albert] 24.000 exemplares por hora, até 64 páginas. O jornal sai dobrado e, passando por máquinas especiais, vai recebendo os endereços para a remessa. Daí, é dirigido para os caminhões que se vão substituindo à porta do edifício. Assim que está lotado parte para a estação”.¹³

A redação do jornal foi, desde os primeiros tempos, um centro de atividade literária .Com o decorrer dos anos, esse fato se acentuou:

¹³ *O Estado de S. Paulo*, 01 jan. 1939. p.4

*Todas as noites iam para lá, tomar um café, que ficou famoso na história de nossas letras, (...) Olavo Bilac, Emilio de Menezes, Graça Aranha, João do Rio, Rodrigo Octavio, juntando-se com Amadeu Amaral, Arnaldo Viera de Carvalho, Nestor Pestana(...). Aquela redação foi igualmente um centro de artistas estrangeiros, músicos, pintores, escultores, etc., que chegando a S. Paulo, para ela afluíam, levados naturalmente pela sua condição admirável e pela fama de um dos maiores e mais eficientes centros irradiadores de cultura do país.*¹⁴

Trocando letras por números, *O Estado de S. Paulo* possuía no interior de São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Santa Catarina cerca de 543 correspondentes e agentes comerciais (p.4). Por volta de 1916, tinha correspondentes próprios em Lisboa, Roma, Paris, Londres, Washington e Buenos Aires. Júlio de Mesquita vivenciou as mudanças estruturais da imprensa e esteve sempre atento às inovações tecnológicas. Em 1910, *O Estado* firmava-se como um dos mais importantes jornais do país, sob a direção de Mesquita, considerado por muitos como capaz, dinâmico, inovador. Essa conjuntura modernizadora proporcionou resultados significativos no aumento da tiragem do jornal, queda do preço do exemplar, dinamização na distribuição.

*O Estado de S. Paulo coloca nas suas mãos, diariamente, antes da hora de iniciar o trabalho, todas as informações de que o leitor necessita na sua profissão. Ao lado disso, oferece-lhe também o recreio para o espírito, sob a forma de escolhida colaboração literária ou científica, o seu “Suplemento em Rotogravura” e a “Seleção” dos artigos publicados no mês. Se o leitor estudar o assunto chegará à conclusão de que o jornal é um artigo de primeira necessidade que se vende mais barato do que em qualquer outro país do mundo. E dadas as devidas proporções, o ‘Estado de S. Paulo’ é, talvez, o jornal que, mais em conta, se pode ler em todo o Brasil. Basta pensar que apenas com o papel e a matéria contida num exemplar do ‘Estado’ poder-se-ia fazer um livro de 200 páginas, talvez mais. Um volume com este número de páginas custa, em média, 6\$000 nas livrarias. No entanto, o leitor do ‘Estado’ compra o seu jornal por 300 ou 400, quando no interior. Este jornal é, portanto, um livro diário, tanto pelo papel como pela matéria que encerra – e que custa 20 vezes menos do que um livro!*¹⁵

¹⁴ *O Estado de S. Paulo*, 01 jan. 1939, p. 4

¹⁵ *O Estado de S. Paulo*, 01 jan. 1939, p. 4.

Quanto à tiragem, os resultados eram bastante significativos: em 1886, 3500 exemplares; em 1896, 10mil; em 1908, 18 mil; em 1912, 35 mil; em 1916, 45mil; e em 1917, 52 mil.

O jornal cresceu sem admitir ser o porta-voz oficial do Partido Republicano nascente nem de governos. Júlio de Mesquita imprimiu uma característica de independência ao seu jornal e esta não vinculação foi condição para que pudesse ter liberdade em relação aos poderes constituídos; a respeito desta independência há controvérsias . Ao grupo de intelectuais e políticos do jornal *O Estado*, caracterizado pelo não alinhamento, atribuíam-se características de facção política independente e de excelente porta de entrada para a vida pública.

Tomemos como parâmetro para a avaliação da recepção crítica de literatura portuguesa o ano de 1910, em que *O Estado de S. Paulo* já se firmara como uma grande empresa do setor de comunicações e o período _1909-1915_ ,em que houve uma intensificação de publicações de artigos sobre literatura portuguesa no referido jornal.

Começamos pela descrição do jornal. Com uma média de 16 páginas, variando de 8 a 30 páginas, com a diagramação bem próxima à do jornal *A Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, apresentava as seguintes colunas fixas: a) “Folhetim”, localizada na primeira página, seguindo a disposição na página do jornal carioca acima referido, divulgava textos literários de autores conhecidos do grande público, em capítulos; b) “Jornais do Rio” em que comenta sobre os jornais e notícias publicados no Rio de Janeiro; c) “Notas e Informações”, sobre acontecimentos sociais da cidade; d) “Notícias Diversas”, sobre o cotidiano, crimes; e) “Notícias do Interior e do Litoral” ou “Telegramas” sobre as cidades interioranas paulistas; f) “Notícias de Minas”; g) “Notícias do Paraná”; h) “Exterior”, notícias rápidas sobre os vários países da Europa, inclusive Portugal; i) “Notícias da Europa”, reportagens maiores sobre diversos países europeus, notícias estas que chegavam de navio; j) “Falecimentos”, informava os óbitos de São Paulo, Rio de Janeiro e Lisboa; k) “Fora da Pátria”, sobre política estrangeira; l) “Movimento Associativo” agremiações e

associações beneficentes, teatrais; m) “Palcos e Circos” sobre teatro, peças e autores de São Paulo, Rio de Janeiro e Portugal; n) “Do meu e do Alheio” sobre política e assuntos gerais; o) “O que há de novo” sobre política brasileira; p) “Tribunais” sobre poderes jurídicos; q) “Sport” sobre turf, futebol e esportes em geral; r) “Ônibus” sobre várias informações cotidianas; s) “Fluminenses” de autoria de João Luso, versa sobre o Rio de Janeiro e, às vezes, sobre literatura; t) “Classificados” u) Propaganda.

Seções fixas em que há uma maior ocorrência de literatura a) “Divagações”, assinada por Sílvio de Almeida, às segundas-feiras, trata de assuntos variados, como poética, literatura brasileira, portuguesa, francesa, ciências, lingüística, astronomia; b) “Crônicas Portuguesas”, escrita por João Crave (autor português) e Dr. Bettencourt Rodrigues, também português; ainda colaboravam nessa seção, com política e literatura, os portugueses Lobo d’Ávila Lima, lente da Universidade de Coimbra e Abel Botelho, escritor naturalista português. Havia ainda a seção cultural “Artes e Artistas” sobre pintores, músicos, atores e autores diversos; c) “Folhetim”, geralmente textos de autores estrangeiros traduzidos para o português

A leitura de folhetins era bastante concorrida, pois em 1900-1920, *O Estado de S. Paulo* publicou, ininterruptamente, 43 folhetins, às vezes republicados, na maioria estrangeiros. Dentre os autores que tiveram mais de uma obra publicada destacam-se: Alexandre Dumas com cinco textos; Henrique Perez Escrich (5), Fernandez Y Gonzalez (2), Xavier de Montépin (2) e ainda Ponson du Terrail (romancista francês, autor do célebre *Rocambole*). E dentre todos estes, temos o único folhetim de autor português, o romântico Francisco Gomes de Amorim (1827-91) *As duas fiandeiras*, publicado de março a abril de 1900. Este foi poeta, contista, articulista, dramaturgo romântico, com estada no Brasil por 10 anos, protegido de famoso Almeida Garrett, do qual escreveu a biografia.

Pensando no público leitor brasileiro de *O Estado de S. Paulo*, podemos concordar com Jauss, quando diz que “(...)a História da Literatura é um processo de recepção e produção estética que se efetiva na atualização de textos literários realizados pelo **leitor**, que os conhece; pelo **escritor** que se transforma, por sua vez, em produtor, e pelo **crítico** que reflete sobre tudo isso.”¹⁶ Se o leitor do referido periódico atualiza pela leitura textos românticos da primeira metade do século XIX, nos inícios do século XX, momento pré-modernista brasileiro, verificamos que o cânone estético se elabora, à medida que a obra se situa entre o texto e a subjetividade daquele que o recebe. Ao valorizar o efeito que a recepção causa no leitor, haja vista o sucesso dos folhetins de autores românticos da primeira metade do século XIX nessas duas décadas do início do século XX, coloca-se de lado a idéia de um significado definitivo dado à obra por seu autor, proporcionando, desta forma, um leque de possibilidades interpretativas.

Ao longo do ano de 1910, verificamos um total de 14 artigos sobre literatura portuguesa publicados na seção “Divagações”, ocupando duas a três colunas da primeira página do jornal e assinada por Silvio de Almeida, famoso escritor da época e professor de português

Nesta seção encontramos comentários, divagações, uma ligeira crítica literária, resenha crítica acerca de autores diversos: dos cancioneros medievais, Camões, António Vieira, Alexandre Herculano. O articulista também inclui nesta seção resenha crítica de livros, como por exemplo o de Maria da Cunha, *Trindades*, de Carolina Michaelis, comenta-se sobre *Estudos sobre o Romanceiro Peninsular* e o livro de poemas da autora.

Na seção “Exterior”, em que comumente lê-se sobre países europeus, publicou-se uma homenagem a Alexandre Herculano, reverenciado intelectual do Romantismo português, pelo centenário do seu nascimento, realizada em 29 de abril, pela Faculdade de Direito do Largo São

¹⁶ JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. p. 81.

Francisco, atividades estas que foram integralmente descritas, assim como os discursos publicados, ocupando toda essa homenagem cerca de duas páginas inteiras.

Em São Paulo, a recepção da literatura portuguesa está sintonizada com os autores canônicos da primeira metade do século XIX, demonstrando a vitalidade das referidas obras e possibilitando um relacionamento histórico e temporal da obra literária, que nasce em relação ao seu público; depois, vive a partir da história de sua eficácia, determinando seus valores em relação às outras obras e a todos fenômenos sociais e históricos, para, finalmente, seguir rumo a direções de troca dinâmica e contribuir à contínua construção da sociedade.

Na medida em que o periódico, ao publicar textos literários e trazer a literatura e sua crítica ao grande público, desempenha o papel de interlocutor da obra literária, pois o periódico “supõe um diálogo idealista entre texto e texto, num universo onde tudo é texto e cada texto, tão-somente a soma de outros textos, como se um texto pudesse falar a qualquer época, sem a interferência dos leitores.”¹⁷

¹⁷ JAUSS, H.R. citado e traduzido por ZILBERMANN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989. (Série Fundamentos, 41). p. 109.